
A aspectos políticos e sociais nas obras *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, e *Os Ratos*, de Dyonélio Machado

The political and social aspects in the works *Captains of the Sands*, by Jorge Amado, and *The Rats*, by Dyonélio Machado

Los aspectos políticos y sociales en las obras *Capitanes de las Arenas*, de Jorge Amado, y *Las Ratas*, de Dyonélio Machado

José Oliveira De Assis

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Doutorando em letras

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: joal13110@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo analisa questões sociais que impactam crianças, adolescentes e indivíduos pertencentes às camadas menos favorecidas da sociedade brasileira, tomando como base os romances *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, e *Os Ratos*, de Dyonélio Machado. Ambos os textos literários, produzidos no contexto do Modernismo brasileiro, retratam a realidade de sujeitos marginalizados e expõem, sob diferentes perspectivas, a exclusão social e econômica que marca a vida das classes populares. Em *Capitães da Areia*, Amado evidencia a infância roubada de meninos de rua de Salvador, apresentando-os como vítimas de um sistema desigual que os empurra para a criminalidade, ao mesmo tempo em que denuncia a indiferença das classes dominantes e da imprensa. Já em *Os Ratos*, Machado explora a luta cotidiana de um funcionário público para obter uma quantia mínima de dinheiro, revelando como a precariedade econômica compromete a dignidade humana. Assim, a pesquisa busca destacar o papel da literatura como instrumento crítico, capaz de refletir e problematizar as desigualdades estruturais do Brasil.

Palavras-chave: exclusão social, classes dominantes, sociedade brasileira.

ABSTRACT

This article analyzes social quests that impact children, adolescents and individuals belonging to the less favored groups of Brazilian society, taking as a basis the romances *Capitães da Areia*, by Jorge Amado, and *Os Ratos*, by Dyonélio Machado. Both literary texts, produced in the context of Brazilian Modernism, portray the reality of marginalized subjects and expõem, from different perspectives, the social and economic exclusion that marks the life of the popular classes. In *Capitães da Areia*, Amado demonstrates the stolen childhood of children from Rua de Salvador, presenting them as victims of an unequal

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i3.71>

Approved: 18/08/2025

system that pushes them towards criminality, at the same time as it denounces the indifference of the dominant classes and the press. In *Os Ratos*, Machado explores the daily struggle of a public official to obtain a minimum amount of money, revealing how economic precariousness compromises human dignity. Thus, the research seeks to highlight the role of literature as a critical instrument, capable of reflecting and problematizing the structural inequalities of Brazil.

Keywords: social exclusion, ruling classes, Brazilian society.

RESUMEN

Este artículo analiza las problemáticas sociales que afectan a niños, adolescentes y personas de los sectores más desfavorecidos de la sociedad brasileña, basándose en las novelas "*Capitães da Areia*" (*Capitanes de la Arena*) de Jorge Amado y "*Os Ratos*" (*Los Ratos*) de Dyonélio Machado. Ambos textos literarios, producidos en el contexto del modernismo brasileño, retratan la realidad de las personas marginadas y exponen, desde diferentes perspectivas, la exclusión social y económica que caracteriza la vida de las clases trabajadoras. En "*Capitães da Areia*" (*Capitanes de la Arena*), Amado destaca la infancia robada de los niños de la calle en Salvador, presentándolos como víctimas de un sistema desigual que los empuja a la delincuencia, a la vez que denuncia la indiferencia de las clases dominantes y la prensa. En "*Os Ratos*" (*Los Ratos*), Machado explora la lucha diaria de un funcionario público por obtener un mínimo de dinero, revelando cómo la precariedad económica socava la dignidad humana. De esta forma, la investigación busca destacar el papel de la literatura como instrumento crítico, capaz de reflexionar y problematizar las desigualdades estructurales de Brasil.

Palabras clave: exclusión social, clases dominantes, sociedad brasileña.

1 INTRODUÇÃO

O abandono infantil é, na atualidade, um dos problemas que mais preocupa a sociedade. Assim, a marginalização, o abandono infantil e as injustiças sociais compõem a problemática central abordada na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Nesse contexto, a literatura alia-se à sociedade como mecanismo de denúncia dos acontecimentos da vida social, e o encontro entre a ficção e a realidade é aquilo que a obra traz. Enquanto os meninos das ruas de Salvador representam um recorte real da sociedade baiana, o romance os retrata por meio da ficção literária. O grupo de meninos,

composto basicamente por órfãos, vê o roubo como único meio de sobrevivência, já que têm assistência de poucas pessoas.

Em *Os Ratos*, de Dyonélio Machado, conta-se a história de Naziazeno, um funcionário público que leva todo um dia para achar a solução para seu principal problema naquele momento: conseguir 53 mil réis para pagar o leiteiro e continuar recebendo o abastecimento para alimentar a família. Para alguns, a resolução de tal questão pode acontecer em pouco tempo (ou nem acontecer), mas para outros pode ser um impasse. No decorrer da narrativa, o protagonista recorre a amigos, colegas e jogos para quitar sua dívida. Conclui-se, então, que o dinheiro é visto como imprescindível nas relações humanas, ditando regras e determinando quem deve ser respeitado ou não.

Tais questões são encaradas por muitos cidadãos com descaso. As classes dominantes, os meios de comunicação, as autoridades e o Estado desconhecem as dificuldades das pessoas que vivem à margem da sociedade e agem de forma a excluí-las ainda mais.

Isto posto, a presente pesquisa tem como objetivo fazer considerações acerca de algumas questões sociais que atingem crianças, adolescentes e as classes menos privilegiadas social e economicamente. Trata-se de sujeitos excluídos do convívio social, partindo de aspectos trabalhados literariamente, mas que abordam a realidade do povo brasileiro.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 JORGE AMADO E DYONÉLIO MACHADO: QUEM FORAM?

Jorge Leal Amado de Faria (1912-2001), eleito em 1961 o 5º ocupante da cadeira número 23 na Academia Brasileira de Letras, ficou conhecido nacionalmente como romancista, político e memorialista. Apesar de ser oriundo da cidade de Itabuna, na Bahia, foi em Ilhéus onde aprendeu as primeiras letras, mas também morou em Salvador e no Rio de Janeiro. O início da vida literária deu-se aos 14 anos de idade, quando teve a

oportunidade de trabalhar em jornais, especialmente no momento em que, junto com outras pessoas, fundou a Academia dos Rebeldes, grupo que, ao lado do Arco & Flecha, buscou renovações para as letras baianas.

Como escritor, Amado conseguiu viver exclusivamente dos direitos autorais de seus livros e recebeu prêmios nacionais e estrangeiros ainda em vida. A estreia como literário aconteceu em 1930, com a novela *Lenita*, e seus livros, ao longo dos 36 anos de carreira, foram traduzidos para 48 idiomas e dialetos. Algumas de suas obras foram adaptadas para o cinema, teatro, rádio, história em quadrinhos e televisão.

Isto posto, o baiano é um dos nomes mais consagrados da literatura brasileira, por ser considerado um autor que buscou relatar a verdadeira cultura brasileira para o próprio país e para o mundo. Atualmente, é o segundo escritor mais vendido no exterior, em toda a história, superado apenas por Paulo Coelho (1947).

É possível definir 2 (duas) fases literárias ao analisar suas obras. A primeira, de 1931 a 1954, é marcada por romances com temáticas sociais, como o abandono e marginalização das crianças de rua, denúncia da luta de classes e discussão sobre o preconceito racial, por exemplo. A literatura amadiana sofre mudanças depois do livro *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), passando a descrever os costumes da época e confrontando valores éticos e culturais do povo baiano. Foi então que conseguiu ainda mais destaque e popularidade.

O segundo representante literário que compõe o presente artigo é o de Dyonélio Tubino Machado (1895-1985), gaúcho e grande influente da segunda geração do Modernismo no Brasil. O contato inicial com a imprensa deu-se com 12 anos de idade e aos 16 fundou o jornal *O Martelo*, onde começou a ter contato com o comunismo, ideologia que também difundiu no Rio Grande do Sul, enquanto psicanalista. Com o decorrer do tempo, a militância ganhou mais espaço tanto em seu papel de escritor, quanto em seu papel como médico. Também foi preso algumas vezes por causa dos posicionamentos e ações ativistas.

A veia literária voltou a pulsar com a publicação do livro de contos intitulado *Um pobre homem* (1927). Embora seu acervo de obras não seja vasto, é muito significativo,

ganhando mais destaque *Os Ratos* (1935), considerada a mais importante, e *O louco do Catí* (1942), estudadas até hoje por serem clássicos da literatura brasileira. Seu nome também é relacionado à fundação da Associação Rio-Grandense de Imprensa e do jornal *Tribuna Gaúcha* (era porta-voz do Partido Comunista Brasileiro), além de ter colaborado para jornais como *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, da capital gaúcha.

Foi preso duas vezes (dois anos no total), por apoiar uma greve e atentar contra a ordem política e social, e por causa da Intentona Comunista (levante organizado pelo Partido Comunista, em 1935, com o intuito de tirar Getúlio Vargas do poder). Abordando especificamente as suas obras, as mais conhecidas são: *Os Ratos* (1935), *Desolação* (1942), *Passos Perdidos* (1946), *Deuses Econômicos* (1966), *Endiabrados* (1980), *Sol Subterrâneo* (1980), *Fada* (1981), *O Estadista* (1982).

2.2 CONTEXTO HISTÓRICO DE CAPITÃES DA AREIA E OS RATOS

O romance *Capitães da Areia* foi escrito por Jorge Amado em meio a um contexto sociopolítico marcado por tensão, perseguições e prisões no governo de Getúlio Vargas (o chamado Estado Novo). Com publicação oficial em 1937, exemplares do livro chegaram a ser queimados em locais públicos, dando o tom do clima entre o político e o escritor. Acontece que Jorge Amado foi membro do Partido Comunista Brasileiro, posicionamento exposto com avidez em seus romances.

Como *Capitães da Areia* é uma narrativa de teor comunista declarado, Amado denuncia, em sua percepção, os males de uma sociedade que, sendo marcada pela lógica capitalista, vira as costas para os menos afortunados. Há a tentativa de conscientização por parte do autor em relação ao leitor. A obra, do ponto de vista literário, narra as aventuras de meninos de rua lutando pela sobrevivência, e pelo viés sociológico escancara feridas de um sistema econômico/político/social problemático. Tais denúncias não passaram despercebidas aos olhos rígidos do governo em vigência.

O romance em questão é iniciado com cartas à redação. Consiste em 4 (quatro) reportagens publicadas no *Jornal da Tarde*, importante meio de comunicação na época

em que a história se passa. Ambas têm relação com os “Capitães de areia”, “nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões” da cidade de Salvador. (Amado, 1988, p. 4). Nesse momento já é possível perceber qual será o tom da história no decorrer dos acontecimentos: denúncias sobre questões sociais e políticas.

A obra de Dyonélio Machado, *Os Ratos*, foi escrita no mesmo período, ou seja, encaixa-se no movimento modernista brasileiro (Romance de 30), que é um conjunto de obras de ficção produzidas no Brasil a partir de 1928. Trata-se do momento mais produtivo da escola literária que ficou mais conhecido como Neorrealismo

O romance é iniciado com a advertência do leiteiro: a família de Naziazeno tem apenas 24 horas para pagar os fornecimentos anteriores. É aqui que o desespero da esposa e a vergonha social tomam conta dos pensamentos do pai de família que começa a pensar em meios para sanar o débito. Assim, nota-se com facilidade qual será a principal abordagem da trama: a falta de capital para suprir necessidades básicas exclui socialmente as classes menos favorecidas.

Por isso os autores de *Capitães da Areia* e *Os Ratos* abordam, nas páginas do romance, as desigualdades sociais, especialmente sob a ótica das classes mais baixas, além da luta diária pela sobrevivência para garantir o básico.

Vale lembrar que Getúlio Vargas tomou posse em 1930, momento em que o Nazismo e Fascismo ganhavam popularidade em todo o mundo (sendo responsáveis, inclusive, pela declaração da Segunda Guerra Mundial). Tais manifestações também ocorreram no país, por meio de um governo ditador e pautado na censura. Dessa forma, os autores modernistas voltaram suas atenções à realidade social, fazendo denúncias.

2.3 CAPITÃES DA AREIA: SUA HISTÓRIA E DENUNCIA

Capitães da Areia aborda o subdesenvolvimento da população brasileira, focando na marginalização e pobreza em contraponto à parcela do público aristocrata, que vivia na parte alta da cidade. Por meio dos acontecimentos narrados, Jorge Amado busca conscientizar os leitores acerca de mudanças sociais, revelando e expondo que as classes

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i3.71>

Approved: 18/08/2025

oprimidas vivem em condições miseráveis e que ainda são vistas como criminosas, ao invés de vítimas sociais.

Logo no início do romance, denuncia-se a relação existente entre os meios de comunicação (neste caso, o jornal) e os pensamentos da classe tida como dominante. Aqui, a imprensa vê os meninos em condição de rua como os únicos responsáveis pela marginalização da cidade de Salvador. Mas ninguém (ou quase ninguém) analisa o outro lado da história, para entender por que o chefe Pedro Bala e seus companheiros encontram no mundo da criminalidade a única forma de sobreviver. Prova irrefutável de tal ideologia está presente nas primeiras páginas do romance, que apresenta quatro cartas à redação. Uma delas é intitulada como “As Aventuras Sinistras Do ‘Capitães De Areia’ - A Cidade Enfestada Por Crianças Que Vivem Do Furto [...]” (Amado, 1988, p. 4).

As demais matérias publicadas no mesmo jornal dão voz ao Padre José Pedro e Maria Ricardina, mãe de um menino que foi preso no reformatório de Salvador por 6 (seis) meses, sendo que ambos buscaram delatar as torturas físicas e mentais colocadas em prática. A forma negativa com que a sociedade enxergava aqueles meninos é constatada por meio dos apelidos ou adjetivos usados para descrevê-los: bando de demônios, malandros, terríveis, crianças/menores delinquentes etc. Como se fossem a doença e a escória da humanidade que precisava ser eliminada de uma vez por todas.

Apesar de ter dado espaço para algumas manifestações, era claro o objetivo de quem controlava/coordenava o veículo de informação: ser porta-voz da sociedade soteropolitana, que ansiava pelo fim dos crimes cometidos pelos capitães da areia. Vale salientar que os furtos se tornaram uma questão preocupante por ter alcançado pessoas de boa família ou com grande influência política, social ou econômica. É aqui que a hipocrisia das classes dominantes ganha corpo, já que assegurar a tranquilidade dos que vivem em mansões ou em bairros nobres é o que importa.

Urge uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias. Esperamos que o ilustre chefe de polícia e o não menos ilustre doutor Juiz de Menores saberão tomar as devidas providências contra esses criminosos tão jovens e já tão ousados. (Amado, 1988, p. 18)

A realidade daqueles que vivem na pobreza possibilita o nascimento e crescimento da marginalização, mas o abandono, a falta de referências e as péssimas condições de vida também são responsáveis pela desigualdade. Desde que o mundo é mundo, a classe alta controla e influencia a sociedade, que passa a levar em consideração a aparência a partir de interesses dominantes, desconhecendo, dessa forma, as vivências de quem não teve as mesmas oportunidades.

Quando a infância, tida como uma das fases mais importantes do ser humano (se não a mais crucial) é pautada na marginalização e no abandono, não é possível esperar que mudanças ocorram no futuro. É neste momento que as crianças precisam de convívio familiar bem estruturado, porque o objetivo é que desenvolvam pensamentos morais e éticos, suporte na vida adulta.

Os adultos com quem é possível conviver são a consequência do que viveram em ambiente familiar enquanto eram crianças ou adolescentes, por isso, é crucial para qualquer cidadão que as experiências iniciais sejam mais positivas do que negativas. Com relação a esse ponto, cita-se alguns episódios em Capitães da Areia, onde a solidão e o abandono são sentidos pelas crianças no dia-a-dia.

Diante de tal realidade, cada garoto tinha estratégias de fuga daquela realidade: um mergulhava em suas leituras diárias, outro tinha um romance com uma mulher para ganhar dinheiro, aquele buscava refúgio nas orações etc. Isso mostra que, ao contrário do que muitos pensam, os capitães da areia não estavam felizes/satisfeitos com a vida que tinham. Quando Dora ingressou no grupo, muitos passaram a vê-la como uma figura materna (referência que tanto sentiam falta), porque tratava-se de uma mulher cuidadosa vivendo entre eles.

Ainda que tivessem motivos para serem mais revoltados com a vida, eram bons meninos e sabiam ser gratos com quem os ajudava, mesmo que minimamente. Se viam obrigados a cometer crimes porque precisavam sobreviver naquela selva, para não morrerem de fome, já que não tinham casa, pai ou mãe, nem a certeza se haveria o que comer ou um futuro. Faltava para muitos a oportunidade de sair daquela vida, assim, não

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i3.71>

Approved: 18/08/2025

viam outra opção senão brigar nas ruas, às vezes ferir algum cidadão ou policial para conseguir fugir, ou furtar casas.

Todavia, com certeza fariam o que fosse possível para acabar com as dificuldades e as experiências terríveis. Tamanha liberdade não compensava os horrores que viam e viviam. Por isso, quando ouviam falarem da palavra de Deus, que no reino dos céus a justiça seria feita, sentiam que seguir os preceitos era perda de tempo, pois queriam equidade no plano terrestre. Pedro Bala não queria justiça após a morte, queria que não houvesse tamanha distinção entre pobres e ricos ainda na terra, pois, se aqui já eram desiguais, a balança estava pendendo para um único lado. Por esse motivo, além dos que já foram citados, ouviam que Deus era bom, mas achavam que não era justo com eles.

Poucos adultos são inseridos na história, demonstrando que a premissa é narrar a história e as experiência daquelas crianças, dar voz, em meio a uma sociedade que as cala o tempo todo. Como é o caso do capoeirista Querido-de-Deus, a mãe de santo dona Aninha e o padre José Pedro, figura mais presente na rotina dos garotos. Ambos os tratavam como seres humanos dignos de respeito e compaixão, e o discípulo de Deus faz o que o Poder Público e a sociedade, de um modo geral, deveriam fazer.

Seu objetivo era conhecer verdadeiramente os problemas destas crianças consideradas delinquentes, abandonadas pelo Poder Público e da sociedade. Queria se aproximar para pensar em melhoras e para que conhecessem a palavra de Deus, mas tinha noção que seria impossível mudar a mentalidade de quem não tem amparo e precisa roubar para viver. Era consciente que do reformatório sairiam piores e que precisava agir com cautela para que se tornassem homens para o trabalho, honestos e dignos. Tornou-se, dessa forma, a principal representação do comunismo tão latente nos escritos de Jorge Amado.

Críticas referentes à Igreja também estão presentes na história. Ambiente formado por pessoas que não usam as palavras de Deus e abandonam quem mais precisa de ajuda. A figura do padre José Pedro está muito presente na vida dos capitães da areia, pois ele entendia que aqueles meninos precisavam de atenção, conselho e ajuda. Frases como “[...] é impossível converter uma criança abandonada e ladrona em um sacristão. Mas é muito

possível convertê-la em um homem trabalhador [...]” eram proferidas pelo servo de Deus, por ter consciência de como seria possível mudar a presente realidade. (Amado, 2008, p. 69). Em outras palavras, se cada um fizesse a sua parte, futuramente, as crianças reinseridas na sociedade percorreriam caminhos diferentes, tornando-se cidadãos não marginalizados.

Outra forma de denunciar as desigualdades sociais é quando Jorge Amado expõe as consequências da varíola, que atinge e mata basicamente a população pobre. Enquanto os ricos são vacinados e bem assistidos, a classe excluída tem a vida ceifada por causa da doença. Pior é saber que poucas coisas mudaram desde a década de 30: os menos afortunados ainda servem as classes dominantes. E, para que problemas sociais sejam vencidos, é preciso que as injustiças sociais sejam superadas.

Como citado em parágrafos anteriores, Capitães da Areia é o nome dado a um grupo de meninos (inicialmente) menores de idade (cerca de 100) que têm as ruas da cidade de Salvador como moradia. A equipe começou a ser formada em decorrência de problemas familiares (muitos perderam os pais, alguns resolveram fugir por conta da condição que viviam).

A liderança era de Pedro Bala, que no início da história tem 15 anos e é considerado pela sociedade como o mais perigoso, por supostamente ter causado ferimentos em um assalto. Nunca conhecera a mãe, e o pai foi assassinado, mas tinha no sangue o poder de liderança, pois sabia como tratar os outros e mostrava no olhar e na voz sua autoridade de chefe. Todos o obedeciam, porque confiavam nele, a ponto de não saberem como ficariam se perdessem tamanho suporte.

João Grande tinha 13 anos, era o mais forte do grupo e dispunha de certa voz e importância, pois era sempre convidado para as reuniões sobre planejamento de furtos. Gato tinha muita agilidade, pois, apesar de ter apenas 13 anos, já conhecia e vivenciava a realidade das crianças abandonadas. O membro conhecido como Professor era assim chamado por ser o único que sabia ler e escrever bem e por passar boa parte do tempo lendo jornais ou livros (muitas vezes para os colegas de vida) que constantemente roubava. Por esses e outros motivos, era respeitado pelos capitães da areia, e Bala nunca

deixava de o consultar antes de um assalto, já que muitas vezes criou os melhores planos para roubo.

Pirulito era o mais temente a Deus (tinha vontade de ser padre) e desejava mudar aquela realidade, porque sabia que era pecado. Muitos não gostavam do Sem-Pernas, porque era muito malvado com os animais e com as pessoas, mas outros tantos afirmavam que era um bom menino, bastaria apenas conhecê-lo de verdade. Nunca conheceu a família e viveu por um tempo com um padeiro que o batia muito.

Nesse trecho, assim como em outros tantos, nota-se a forma como meninos em situação de rua são tratados pelas autoridades policiais. São vistos como pessoas sem valor, a ponto de terem que aguentar torturas físicas e mentais. Além disso, constata-se que cada membro citado nos parágrafos anteriores tem uma função no grupo, determinada a partir das características físicas ou psicológica.

O relato dramático de Sem-Pernas é uma das muitas descrições presentes no decorrer do romance que apresenta a vivência em grupo, mas que também foca nas histórias individuais dos meninos. Depois de passar o dia pelas ruas da cidade baiana, retornam, ao fim do dia, ao trapiche, um grande galpão abandonado e que fica próximo à praia. Vale lembrar que a sociedade soteropolitana não sabe onde os capitães da areia se escondem, por isso, eles conseguem driblar os justiceiros por muito tempo.

Três momentos narrados destacam-se aos olhos de muitos leitores. O primeiro é quando Sem-Pernas é recebido em uma casa como um menino pobre, órfão e aleijado (estratégia que sempre usava), mas na moradia de Dona Ester e Raul a recepção foi diferente. O rapaz foi recebido como um filho, ao contrário das vezes anteriores, nas quais ficava na cozinha ou no quintal, e era tratado como um empregado.

Sem-Pernas, até então, não sentia remorso de fazer parte desse tipo de plano, afinal, ele achava que quem os acolhia eram os verdadeiros culpados da situação de todas as crianças que não tinham onde morar ou o que comer. Assim, o que os capitães da areia furtavam era uma espécie de compensação.

Como desta vez as coisas aconteciam de forma diferente, o remorso tomou os pensamentos e o coração do menino, porque via que dona Ester e o marido o viam como

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i3.71>
Approved: 18/08/2025

o filho que havia perdido. “Deixe estar, que agora você não passa mais fome. Vá... vá brincar, vá ver os livros. À noite nós vamos ao cinema? Você gosta de cinema? [...] Vamos fazer dele um homem...” (Amado, 1988, p. 120 e 121). Essas são algumas das palavras proferidas por Raul ao saber da chegada de Augusto (nome inventado).

Os capitães da areia queriam apenas ser crianças, e uma das cenas que corrobora essa questão (e menciona o segundo episódio em destaque) é quando estão diante de um carrossel, que ficou sob o comando de Sem-Pernas, nas noites em que um parque abria.

A terceira e última narração acontece quando Dora e Pedro Bala são capturados: ela é levada para o orfanato, e ele para o reformatório, lugares em que são submetidos à violência física e psicológica. Logo que chegou no reformatório foi colocado sob o regime número 3, que consistia em se alimentar por 8 (oito) dias apenas com água e feijão, além de ficar preso na cafua, sem contato com ninguém. Recebia a visita de um policial uma vez ao dia, que chegava com a comida e a bebida.

Mas antes de chegar no reformatório, foi interrogado pelos oficiais de justiça sobre onde ele se escondia, mas limita-se a dizer seu nome de batismo e de quem era filho, foi quando começou a tortura física, com duas chicotadas de uma vez. Depois, passou a receber açoite, socos e pontapés de todos os lados.

Pedro Bala não aceitou viver essa realidade por muito tempo. Então, com astúcia, traçou um plano, Pedro Bala consegue fugir e retoma a convivência com os amigos para também garantir a liberdade de Dora. Entretanto, após o resgate, a menina está doente, e sem a assistência adequada acaba falecendo. Esse acontecimento é o que desencadeia a mudança de vida dos capitães da areia: o Professor muda-se para o Rio de Janeiro como um artista; Pirulito finalmente entrega-se à vida divina; Volta Seca reencontra o padrinho Lampião e junta-se ao bando do cangaceiro; João Grande torna-se marinheiro; e Pedro Bala, que por um tempo não sabia qual rumo tomar, retoma os passos do pai, tornando-se um líder grevista.

Atitudes como essas fazem muitos pensarem: por que não decidiram fazer isso antes? Alegavam não ter outra opção, mas será que levavam a vida de antes por acharem mais fácil? A verdade, ao que parece, é que eles acreditavam que a sociedade lhes devia

uma vida um pouco mais digna, já que não tinham pessoas do mesmo sangue para ampará-los. Como não era isso que acontecia, decidiam furtar dinheiro ou objetos como forma de compensação.

Outro aspecto que pode plantar dúvidas na mente do leitor é quanto a lealdade às leis do grupo. Como poucas pessoas, especialmente adultos, eram confiáveis, os membros da equipe precisavam confiar um no outro, para tanto tinham a obrigação de seguir e respeitar as regras estabelecidas e o que Pedro Bala, enquanto líder, determinasse. A informação pode soar irônica, porque eles não seguiam as leis da sociedade, mas, esta não os enxergava (ou enxergava como pessoas que deveriam ser eliminadas). Sentiam que precisavam ser fiéis aos que se preocupavam com eles, portanto, a honestidade precisa imperar.

Em alguns parágrafos acima foi citado um momento em que poderia tocar ledor: situação na qual Sem Pernas foi recebido como um filho na casa de um casal que havia perdido o fruto do casamento há algum tempo. No decorrer da narrativa, nota-se a ratificação da ideia de que os capitães da areia eram irmãos, em primeiro lugar. Mesmo diante da chance de fazer parte daquela família, o rapaz lembra que, antes de tudo, a lei do grupo deve dominar, diante disso, decide seguir com o plano inicial: ajudar os colegas a entrarem na casa para furtar objetos de valor.

Por fim, nesta obra, o escritor baiano dá voz aos membros do capitães de areia, não como forma de justificar os delitos, mas para conhecer a história por trás do que era exposto pela sociedade e meios de comunicação. E nada melhor do que ouvir o que estes meninos têm a dizer, afinal, é uma forma de entender melhor a realidade de crianças abandonadas ou que perderam a família muito cedo. Afinal, "não era só no sertão que os homens ricos eram ruins para com os pobres. Na cidade, também [...] as crianças pobres são desgraçadas em toda parte, [...] os ricos perseguem e mandam em toda parte". (Amado, 1988, p. 244)

2.4 OS RATOS: SUA CRÍTICA E ENREDO

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i3.71>

Approved: 18/08/2025

O romance *Os Ratos* relata a vida de Nazianeno, que precisa de 53 mil réis para acertar uma dívida com o leiteiro sob o risco de perder o fornecimento do produto. Para garantir tal objetivo, o funcionário público tem apenas 24 horas, também para evitar o desgosto da esposa (quem via o leite como um alimento indispensável para o crescimento de qualquer criança).

Nas páginas iniciais relatam-se as observações da vizinhança diante da discussão entre o pai de família e o entregador, e desde esse momento, até os acontecimentos finais, Dyonélio Machado usa sentimentos como desconfiança e sensação de perseguição para descrever o tamanho do constrangimento do personagem. O narrador, também visto como uma peça importante da história, compartilha os pensamentos, medos e as impressões (reais ou não) de Naziazeno, que se vê acuado e com poucas formas de resolução para o problema em questão. Em outras palavras, não se afastam em nenhum momento. Vale salientar que todos os possíveis meios de resolução são baseados na boa vontade de quem monopoliza a sociedade por ter mais dinheiro.

Apesar da esperança fazer parte do drama, até o fim do romance, não existe a certeza de que a dívida será sanada, e esse é o maior medo de Naziazeno. Assim sendo, a narrativa alterna entre a condição psicológica do funcionário público e a realidade, muitas vezes distorcida. O leitor consegue sentir como é difícil viver sem condições suficientes para garantir o básico de sobrevivência, e a tranquilidade (mesmo que momentânea, porque, com certeza, outros problemas surgiriam) é sentida apenas com as últimas palavras do romance, quando o leiteiro pega o pagamento que está em cima da mesa e enche uma vasilha de leite.

O uso constante de aspas e palavras em itálico mostra como as questões psicológicas influenciam a leitura e a percepção da história. Há oscilações entre realidade e o que Naziazeno desejava que acontecesse, como no momento em que ele imagina como será a conversa com o diretor (primeira pessoa que pode ajudar seu funcionário a liquidar a dívida). Por um momento, o leitor acredita que o diálogo aconteceu e que aconteceu daquela forma, depois, nota-se que correspondia ao desejo e não a algo que realmente

aconteceu. A descrição das situações é feita a partir de como Naziazeno enxerga a própria realidade, mesmo que distorcida ou disfarçada.

Então, para perceber o relato da verdade, basta observar a colocação ou não das aspas: com aspas, existe a representação da imaginação; sem aspas, encontra-se relato do presente ou do que verdadeiramente ocorreu. O que acontece é que as situações narradas são baseadas, quase que totalmente, sob o olhar e pensamentos de Naziazeno, por isso, sua realidade, limitações e entendimentos são expostos com muita transparência.

Além disso, ao distinguir a linguagem culta (proveniente da classe dominadora) da linguagem coloquial (própria das classes marginalizadas), e grifar a última, expõe a distância existente entre o mundo intelectual e o mundo dos menos favorecidos (aparecem traços mais livres e menos rebuscados). Ou seja, há aqui, de forma muito clara, uma denúncia contra as desigualdades sociais.

Como já mencionado, a figura do narrador é indispensável em *Os Ratos*, não por fazer interferências ou controlar as ações, mas justamente por não interferir. Ele apenas apresenta ao leitor o dia-a-dia de quem tem muitos dilemas para conseguir sobreviver com um pouco de dignidade. A certeza dessa situação aparece ao fazer leitura do seguinte trecho:

Naziazeno está cansado. O olhar que, de longe em longe, quando desperta, lança ao redor há de ter esse cansaço, porque sempre respondem a esse olhar com um olhar de curiosidade. Os “amigos”, no banco fronteiro, conversam: - Ouvi dizer que o bétin do domingo não saiu. - Quem que disse? Saiu sim. Naziazeno quanta “esperança” já depositara no betting... Aos sábados era certo munir-se da sua cautela. Tinha um companheiro, o Alcides (Machado, 1999, p. 16).

Aqui, o personagem é visto de fora, mas a distância entre ele e quem lê é tão pequena que é possível sentir-se como parte do momento, como se estivesse diante de Naziazeno. Na sequência, as interferências psicológicas tomam forma como medo da opinião dos outros, o que o deixa impaciente, porque receia que as pessoas ao seu redor se preocupam com a vida alheia assim como ele.

Outro instante em que se identifica a presença e a importância do narrador é ao reforçar, a todo momento, quanto tempo passara sem que Naziazeno conseguisse o dinheiro que precisava (desespero do pai de família). Seu tempo era pouco, e tudo ficava ainda mais angustiante pelo fato de Naziazeno não ter um relógio (precisou empenhar), ou seja, não tinha noção da real passagem dos minutos.

O título do romance dá margem a algumas interpretações, diante do contexto da história. Inicialmente, associa-se a palavra rato à imagem de Naziazeno, homem que teme a possibilidade de não conseguir sustentar a própria família, mas, depois, reflete a sociedade que pode tirar do funcionário público o pouco que tem. Essa ideia é passada porque o próprio personagem enxerga as coisas sob essa ótica. No mais, a imagem dos ratos pode representar a história de pessoas que precisam viver à base de esperança e benevolência, porque é como são vistas pela sociedade: pragas que precisam ser eliminadas.

A dívida existe em decorrência do baixo salário: enquanto a do leite é sanada, outra é adquirida, tornando-se uma espécie de círculo vicioso. A falta de dinheiro causa a necessidade, que gera a esperança (se ela não existir, como vão sobreviver?), por isso, Naziazeno sente-se motivado a apostar no betting e ver o jogo (renda extra) como uma possível solução para o seu problema. Também parecia ser a melhor opção, porque era uma forma de ganhar dinheiro sem envolver favores, empréstimos ou boa vontade de outras pessoas. Entretanto, para obter bons resultados, é necessário contar com a sorte e com o acaso (esperança), e um acontecimento com Naziazeno reafirma esse ponto: com o intuito de multiplicar o valor que tinha em mãos (5 mil réis), aposta no número 28 da roleta. Inicialmente, passa a ter em mãos 165 mil réis, mas sua ambição o faz perder tudo na sequência.

Antes de cogitar o jogo, o pai de família pensou em duas pessoas para lhe dar suporte, dois homens que faziam parte do seu convívio social: o Duque e o diretor da repartição onde trabalhava (quem havia emprestado dinheiro em um outro momento difícil; também a opção mais provável). Por muito tempo os acontecimentos se desdobram na procura por essas pessoas, mas havia alguns desencontros.

No fim, ouve uma recusa e é humilhado pelo patrão, que profere as seguintes palavras: “O senhor pensa que eu tenho alguma fábrica de dinheiro? Quando o seu filho esteve doente, eu o ajudei como pude. Não me peça mais nada. Não me encarregue de pagar as suas contas: já tenho as minhas” (Machado, 1999, p. 45). Mas antes de encontrar o Duque, a ajuda mais uma vez não acontece, desta vez, proveniente do dono de um armazém. Finalmente, o Duque, intermediando uma negociação com um agiota, garante o dinheiro para saldar a dívida. Ao citar esses prováveis favores, Dyonélio Machado aborda a dinâmica capitalista vigente em sociedade.

Tais desdobramentos podem dar margem a algumas interpretações. A primeira é que o chefe de família não se esforçou o suficiente para garantir a solução para o problema, ou os leitores podem enxergar os impasses materiais e compreender os dilemas existentes na vida de quem tem poucas possibilidades e oportunidades disponíveis. Mesmo que exista um emprego, não é suficiente para garantir condições mínimas de sustento, por isso, a problemática não é individual, mas coletiva. Naziazeno (que representa um grupo social) não é o causador dos problemas, é a consequência deles.

O círculo vicioso taxado anteriormente também causa preocupação porque a boa reputação é indispensável em sociedade, já que ser considerado um mau pagador prejudica negócios e empréstimos futuros. Diante dessa conjuntura, o medo do protagonista também era proveniente da incerteza do pagamento do empréstimo que pretendia conseguir. Afinal, se a falta de dinheiro é um problema que assombra as famílias mais pobres, não existia a certeza de como seria o amanhã.

A narrativa em foco neste tópico não se baseia no melodrama, apesar da temática dar respaldo para esse tipo de exposição, mas expressões apelativas não são encontradas nos parágrafos do romance. O ápice da aflição é perceptível na conclusão da história, que quase termina sem a certeza da resolução do dilema. Em face disso, o suspense também aparece no decorrer da leitura, pois todos os desdobramentos estão relacionados à tentativa de Naziazeno conseguir o dinheiro, mas a dúvida fica no ar: afinal, ele conseguirá ou não? Nenhuma solução pensada pelo funcionário público passava a certeza de que o problema financeiro seria resolvido.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, uma vez que busca compreender e interpretar aspectos sociais presentes nas obras literárias analisadas, priorizando o conteúdo e o significado das narrativas em detrimento da quantificação de dados. Trata-se também de um estudo de caráter bibliográfico e documental, fundamentado na leitura, análise e interpretação crítica dos romances *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, e *Os Ratos*, de Dyonélio Machado, além de obras teóricas e críticas literárias relacionadas ao tema.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiramente, a questão do abandono infantil é vista como algo sem solução, dando margem à falta de ação daqueles que deveriam (e podem) buscar meios para alterar tal realidade, entretanto, a sociedade, de um modo geral, também usa esse pensamento para fechar os olhos e continuar a dominar e explorar os mais pobres, enxergando-os apenas por meio da subserviência. Além disso, o romance mostra como é difícil garantir o fim da miséria e da exclusão, mas que o destino de cada um pode ser alterado, de acordo com as possibilidades existentes. Isso pode acontecer por meio de lutas, não físicas, mas metafóricas, denunciando a realidade e buscando/forçando mudanças.

Assim, Jorge Amado analisa a sociedade da época (e a atual), expondo um sistema político e econômico que dá força às desigualdades e injustiças. Nas palavras amadianas, os capitães da areia são apresentados como vítimas e oprimidos. Crianças que perderam a ingenuidade inerente à infância, para conseguirem sobreviver em ambientes hostis e sem apoio financeiro ou sentimental. Meninos que não tinham onde morar ou o que comer, enxergando o furto como única solução para resistir, além de terem vivências próprias de adultos, como a vida sexual ativa.

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i3.71>

Approved: 18/08/2025

Em segunda instância, no caso da obra de Dyonélio Machado, encontram-se relatos sobre a forma vivida por pessoas que não recebem o suficiente para suprir necessidades básicas, vendo apenas o empréstimo ou jogos como solução dos problemas (no caso do primeiro, muda-se apenas o credor, porque a dívida ainda existe).

É a representação literária do pobre na sociedade brasileira, e de como o dinheiro tornou-se o principal estimulador do convívio social. Coisas materiais eram (e ainda são) o meio usado para ser aceito em grupos que monopolizam a sociedade, sendo as únicas responsáveis por alguém alcançar algum tipo de prestígio. A vida de quem vive em mansões e é enxergado pela sociedade em contraposição à vida de pessoas que não têm onde morar e vivem na mais completa miséria (vistas como sem valor).

Apesar das histórias serem diferentes, alguns pontos dialogam, como o fato de apresentarem um cotidiano de vida dura e demonstrarem as dificuldades de quem, infelizmente, sobrevive com muito custo; terem personagens que precisam viver um dia de cada vez, porque a cada nascer do sol uma nova luta deve ser vencida, senão a mesma. Importa também destacar que, apesar dos anos transcorridos após a escrita dos romances, hoje em dia a realidade dessa classe não é diferente, sendo grande a quantidade enquadrada nesse grupo (é composto por mais pessoas do que é possível imaginar). A mediocridade dos personagens, sob a perspectiva do mundo, é colocada à mesa no desenrolar das páginas.

Todavia, alguns conflitos de ideia também estão presentes: enquanto em *Capitães da Areia*, o autor mostra a união dos mais pobres, com pouca disputa, em *Os Ratos*, o escritor expõe que a parceria se dá por pouco tempo, até surgir alguma migalha. Em adição a isso, cita-se que os meninos órfãos tinham noção da realidade experienciada todos os dias, quais os culpados e o que fazer para amenizar a falta de assistência. No caso de *Naziazeno*, o personagem parece desconhecer a configuração da vida de quem integra as classes menos privilegiadas.

5 CONCLUSÃO

O presente artigo buscou retratar as adversidades sociais denunciadas nas obras *Capitães da Areia* e *Os Ratos* que, desde a década de 30, até os tempos atuais, ainda não foram superadas. Ademais, as análises expostas no presente artigo têm como intuito incentivar a reflexão dos leitores ao estarem diante de romances como os que foram analisados nos tópicos anteriores.

A presente pesquisa permitiu compreender como a literatura brasileira, especialmente nas obras *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, e *Os Ratos*, de Dyonélio Machado, constitui um espaço privilegiado de denúncia e reflexão acerca das desigualdades sociais que atravessam a história do país. Embora apresentem enredos distintos, ambos os romances convergem ao revelar a condição de sujeitos marginalizados, seja na figura de crianças abandonadas e estigmatizadas, seja no cotidiano de um trabalhador que luta para garantir a subsistência de sua família.

Assim, conclui-se que a literatura, ao retratar os impasses da vida social, desempenha papel fundamental como instrumento de conscientização e resistência, contribuindo para a formação de leitores críticos e para a problematização das contradições que marcam a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

BONACORCI, Ricardo. **Análise literária**: Jorge Amado. 29 de jun., 2015. Disponível em: <https://www.bonashistorias.com.br/single-post/2015/06/29/analise-literaria-jorge-amado#:~:text=Jorge%20Amado%20confronta%20os%20valores,e%20%22Tietia%20do%20Agreste%22> . Acessado em: 22 jun. 2022.

KARLS, C. E. **Quando o médico e o literato se encontram**: As representações da loucura e do crime em Dyonélio Machado. Orientador: 2008.

MACHADO, Dyonélio. **Os ratos**. São Paulo: Ática, 1999.